

Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha

Bombacha: the symbol of the gaucho identity

Francys Peruzzi Saleh¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar, com base na literatura consultada, o processo de identidade do gaúcho, através de suas tradições e cultura, ambas fortemente arraigadas até os dias atuais. Diante disso, compreendeu-se que a identidade passa a ser construída ao longo do tempo, e qualquer indivíduo tem o direito de optar pelo que for melhor para si, tendo em vista as experiências anteriores. Portanto, escolher amigos, alimentos, roupa, faz com que a identidade seja desenvolvida. Ficou entendido que a indumentária gaúcha, mais especificamente a bombacha, é o elemento símbolo do companheirismo e da liberdade que identifica o sul-rio-grandense em qualquer lugar do mundo, e que serve de inspiração para enriquecer a cultura do gaúcho do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Indumentária; Tradição; Costumes.

Abstract

The aim of this paper is to analyze, based on consulted literature, the process of identity formation of gaucho, through his traditions and culture, both strongly rooted until the present day. Thus, it has become clear that identity had been built over the time, in a process of amalgamation of habits, customs and specially clothing of people that inhabited the region today corresponding to Rio Grande do Sul. The development of gaucho's identity was, therefore, a socio-historical process of acculturation of food habits, locomotion such as the use of horse, weapons and clothing influenced by the surrounding culture groups. Thus, it was understood that the gaucho attire, specifically the "bombacha" (breeches) is a typical symbol element of companionship, of freedom and it identifies the South Rio-Grandense gaucho anywhere in the world, serving him the link so he does not miss his tradition and his identity consequently.

Keywords: Outfit; Tradition; Customs.

ISSN 1982-615x

¹ **Francys Peruzzi Saleh** é mestranda em Design na UniRitter; especialista em Negócios Internacionais pela Fundação Getúlio Vargas; graduada em Design e Marketing de Moda pela Universidade do Minho e em Tecnologia em Moda e Estilo pela Universidade de Caxias do Sul; tem experiência profissional nas áreas de pesquisa e desenvolvimento de produto, atuando em empresas. Atualmente é docente no curso de Design de Moda na Universidade Católica de Pelotas.
Pelotas, RS, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0317101829130118>
fpsaleh@gmail.com

Introdução

Como consequência das raças vermelha, negra e branca nasce o gaúcho, ou gaudério, um tipo social que, segundo Flores (2006, p. 61), “era formado por desertores, fugitivos, criminosos, [...] todos marginalizados pela sociedade latifundiária que se dedicava à pecuária extensiva”.

Devido ao latifúndio, o gaúcho, formado pelos elementos portugueses, espanhóis, negros e indígenas, vivia na miséria e excluído da sociedade pela falta de trabalho. Para garantir sua subsistência, ocupava-se nas épocas de safra, das charqueadas e rodeios na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, trabalhando para os estancieiros e assegurando emprego para a próxima colheita (FLORES, 2006; SAVARIS, 2008).

No entanto, para Dias e Appel (2012), os termos gaudério e gaúcho são distintos conforme exibição em seu artigo intitulado *Contradição Gaúcha*, conforme citação abaixo:

Em meados de 1770, o termo “gaudério” aludia ao não confiável, ao marginal, ao abagaceirado, ao insubordinado e, principalmente, àquele que ameaçava a propriedade privada. Se, por um lado, essa primeira denominação carregava um apelo estritamente pejorativo, por outro lado, o vocábulo “gaúcho”, empregado pelos platinos e cisplatinos, referia-se ao campeiro mestiço rioplatense – elogiável no domínio do cavalo e na lida com o gado (DIAS; APPEL, 2012, p.1).

Embora tenha existido tal diversidade de significados, foi a partir de 1790 que os termos passaram a ser sinônimos,

denominando o gaúcho como desviante e pilhador, ou seja, o errado, o marginal que acompanhava os exércitos ao longe (DIAS; APPEL, 2012), mas que, segundo Savaris (2008):

[...] passaram a ser chamados a integrar as tropas dos comandantes militares locais que, de estancieiros, travestiam-se em coronéis, comandando a resistência contra as tentativas de invasão, ora dos espanhóis, ora dos portugueses (SAVARIS, 2008, p.21).

Hoje, o gaúcho é o símbolo da identidade do povo sul-rio-grandense, cuja herança das lendas, danças, músicas, trabalho, linguagem, alimentação, costumes, mitos e vestuário foi formada pelas distintas etnias (FLORES, 2006; LIMA, 2004; DUBAR, 2000; SAVARIS, 2008).

Nesse ínterim, vê-se que a cultura real do povo gaúcho está consolidada na sua tradição aliada à sua história, principalmente no tocante à sua maneira de vestir, que também marca sua identidade. Dessa forma, centraliza-se na vestimenta o objetivo do presente estudo, mostrando a bombacha como a indumentária que retrata a identidade do povo sul-rio-grandense.

A fundamentação teórica utilizada neste trabalho subsidia-se pela investigação bibliográfica que reúne o conhecimento de renomados autores sobre o assunto e que tratam da indumentária do povo sul-rio-grandense, mais precisamente a bombacha, como o símbolo da identidade do gaúcho do Rio Grande do Sul.

O território rio-grandense em História

Os índios foram os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul que, distribuídos em três grupos – Gê ou Jê ou Tapuia, Pampeano e Guarani ou Tupi-Guarani –, ocupavam as regiões dedicando-se à agricultura, à caça e à pesca. A mulher também tinha grande participação na vida indígena, cabendo-lhe a parte do cultivo de produtos agrícolas como milho, pimenta, feijão, mandioca, abóbora, entre outros, e também o uso da erva-mate (SAVARIS, 2008).

No transcorrer dos séculos XVII e XX, jesuítas espanhóis, portugueses, negros, alemães e italianos passam, também, a fazer a história do Rio Grande do Sul. Em 1634, juntamente com a catequização dos índios guaranis pelos padres jesuítas espanhóis, o gado bovino foi incorporado à região, ocasionando extensa criação do animal selvagem. Imigrantes portugueses, negros, alemães e italianos passam a explorar a região e contribuir para o desenvolvimento econômico do Estado.

Os portugueses tomaram posse dos campos, construindo estâncias e explorando todo o gado que encontravam; os negros, vindos da África, contribuía com o trabalho escravo na fabricação do charque; e os alemães e italianos ajudavam na derrubada de árvores para a abertura de caminhos dentro da mata.

Em decorrência dessa miscigenação, acontece o choque de culturas e a conseqüente contribuição de cada imigrante, que insere seu traço na tradição campeira do Rio Grande do Sul, dando origem ao gaúcho, cuja indumentária é o resultado da influência indígena e europeia (SAVARIS, 2008; FLORES, 2006; DIAS; APPEL, 2012; FISCHER; GERTZ *et al.*, 1998; KAISER, 1999; FAGUNDES, 1985).

Torna-se oportuno expor que, segundo Streliaev (2009), definir o povo gaúcho não é uma tarefa fácil, por isso o melhor é pensar no quanto o gaúcho colabora para a pátria comum brasileira através de um estilo que, se não é exclusivamente seu, possui marcas e identidades bem visíveis.

De acordo com Nunes e Nunes (1996, p.211), no entanto, o gaúcho é o “habitante do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor dos costumes campeiros”. É o homem que acata a lei e respeita sua terra. É o homem que usa bombacha, toma chimarrão e sabe que ser gaúcho é lembrar-se da responsabilidade que os conterrâneos tiveram em representar o estado sul-rio-grandense e lutar por ele. Nesse sentido, acrescenta Savaris (2008):

Desde a época da Revolução Farroupilha (1835-45) e, especialmente depois da Guerra do Paraguai (1860-65), a palavra gaúcho passou a significar o homem do campo, ligado à atividade pastoril, de maneira específica, e a identificar os nascidos no Rio Grande do Sul, de forma genérica. A mudança ocorrida não foi fruto de lei ou de imposição, mas resultado da evolução natural da sociedade e da compreensão de que o homem é parte integrante do

ambiente em que vive e sua condição muito se deve aos fatores a que está submetido (SAVARIS, 2008, p.27).

Lima (2004, p.87) aprofunda seu conceito acerca do nome gaúcho e afirma que todos precisam estar conscientes do que significou, significa e deverá, para sempre, significar tal nome que, segundo ele, é sinônimo de “étnico, gentílico, histórico, pampeano, guerreiro e estancial, revolucionário, libertário e libertador”. Para o autor, o nome gaúcho “comporta uma multidão de adjetivações das quais nenhuma esgota o seu rico conteúdo”.

Enriquecendo a teoria de Lima (2004), Savaris (2008) enaltece os gaúchos:

De rudes, valentes, independentes, amantes da liberdade, exímios cavaleiros, eram também bons soldados, empenhados peões, até bons agregados, bastava que lhes dispensasse respeito e um pouco de compreensão (SAVARIS, 2008, p.26).

De acordo com Fagundes (1985, p.6), o gaúcho é conceituado como um “tipo da primeira metade do século XVIII”, ou seja, aquele tipo que foi formando sua própria indumentária com base nas vestimentas do povo ibérico, português e espanhol, e também copiando algumas peças que os indígenas usavam. Assim, do chiripá primitivo² e das bragas³, o gaúcho cria o chiripá

² Espécie de saia de couro cru, usada pelos índios cavaleiros, formada por um retângulo de pano enrolado na cintura até os joelhos. (FAGUNDES, 1985). Vestimenta rústica, sem costuras, usada antigamente pelos homens do campo. É constituído de um metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, é preso à cintura em suas extremidades por uma cinta de couro ou pelo tirador (DICIONÁRIO GAÚCHO, 2013).

³ Traje de origem europeia usado pelos estancieiros, homens com grande poder aquisitivo e que se

farroupilha para ser usado no campo a trabalho. Mais tarde, a bombacha passa a fazer parte do vestuário, como traje fundamental no guarda-roupa do gaúcho. A Figura 1 exhibe a evolução da indumentária.



Figura 1. A evolução da indumentária do gaúcho
Fonte: <http://regionalismogaicho.weebly.com/vestuaacuterio.html>

A partir dos estudos de Savaris (2008), constata-se que, através das dilatadas campanhas militares, o espírito do povo gaúcho fortaleceu-se, ocasionando isso o estreitamento dos laços entre patrões e peões, porque o tempo das guerras fez com que as famílias lutassem pelo mesmo ideal, ou seja, pela estabilidade do território rio-grandense.

Na visão de Luvizotto (2009),

O gaúcho é tão apegado às suas raízes e tradições, à sua história, ao seu chão que construiu uma identidade étnica concentrada nesses elementos, conservando a ideia de origem

vestiam somente de tecidos europeus (FAGUNDES, 1985).

comum. Um sentimento de Nação que rompe as barreiras do estado, onde o território é muito mais do que mera geografia: é uma herança (LUVIZOTTO, 2009, p.83).

A identidade do rio-grandense

Diante dos ensinamentos de Dubar (2000), a construção da identidade rio-grandense não se sucede de um método que segue a direção de uma única linha, mas dá ênfase ao modo de ser de qualquer indivíduo construído a partir de vivências culturais e afetivas. E é assim que se encontra o gaúcho do Rio Grande do Sul, ou seja, em um modelo de exposição cultural diferenciada (DUBAR, 2000), por carregar em suas raízes um pouco da contribuição dos alemães (culinária), italianos (culinária, canções e danças), negros (culinária: feijoada, mocotó e quibebe), portugueses (dança: chimarrita) e índios (churrasco e chimarrão): povos que ajudaram na construção deste Estado, deixando a marca de alguns costumes e heranças (SAVARIS, 2008; CIRNE *et al.*, 2006; LIMA, 2004).

Dentro de tal contexto, Lima (2004) explica que

[...] a miscigenação tornou-se uma experiência rica e sui-generis- num processo pleno de aculturação dos mais diversos segmentos, buscando o desenvolvimento amplo de suas potencialidades. Desta fusão étnica, emerge o gaúcho – homem sul-rio-grandense – habitante do extremo sul do País, que se insere dentro de um contexto maior da Pátria, com um sentimento de nacionalidade vivo e presente dentro da História Brasileira (LIMA, 2004, p.102).

Para Luvizotto (2009, p.11-12), “Existe uma forte identidade entre os gaúchos, uma herança cultural baseada em tradições e costumes que são transmitidos de forma arraigada de geração para geração”. O respeito por sua história faz do gaúcho ser único em relação à população de outras regiões do Brasil.

Canclini (1999) defende a ideia de que

A identidade é uma construção que se narra, nela estabelecem-se acontecimentos fundadores, que quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros vão se somando às façanhas em que os habitantes defendem esse território, ordenando seus conflitos e estabelecendo modos legítimos de convivência a fim de se diferenciarem dos outros (CANCLINI, 1999, p.173).

Compreende-se, com base em Canclini (1999), que a identidade é construída ao longo do tempo, geralmente resultante de enfrentamentos por um território, quando os indivíduos lutam por um único ideal. Aglutinam-se assim suas diferenças e conflitos, aculturando-se e desenvolvendo regras de convivência que legitimem seu modo de ser e garantam sua posteridade. Desse modo, suas preferências, seus hábitos rotineiros, sua culinária e sua indumentária, entre outros aspectos, fazem parte da formação de sua identidade.

Hall (2006, p.39) corrobora a ideia de Canclini (1999), afirmando que, psicanaliticamente, o ser humano “continua buscando a identidade e construindo biografias que tecemos em

diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”. E continua:

Assim a identidade é formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, sendo assim algo inato, existente na consciência do indivíduo desde o momento de seu nascimento. Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, ou seja, sempre em construção (HALL, 2006, p.39).

Bauman (2001, p.102) complementa o dito acima afirmando a existência dessa necessidade planejada da construção e reconstrução da identidade, como ela é percebida “de dentro”, e como ela é “vívida” pelos praticantes.

Oportuno, também, torna-se expor as palavras de Kaiser (1999):

Os gaúchos mostram, como grupo social, características que permitem classificá-lo como um grupo étnico. Primeiro, ao criar espaços regionais de identidade gaúcha, não importa a localização geográfica ou aspectos históricos e culturais do lugar. Segundo, ao naturalizar a reprodução do “ser gaúcho”: os filhos de gaúchos, mesmo fora do Rio Grande do Sul, nascem gaúchos, como se esta condição fosse uma herança genética (KAISER, 1999, p.21).

Os gaúchos formam um grupo social que se vale de um discurso étnico-regional como diacrítico fundamental na construção de sua identidade. Assim, embasando-se mais uma vez em Kaiser (1999), pode-se afirmar que:

[...] a cultura gaúcha é um sistema simbólico que avaliza estigmas e estereótipos, sustenta a invenção de tradições e a formação de grupos de interesse e solidariedade. É através do culto a valores éticos, morais e práticas sociais consideradas seletas e o estabelecimento de tradições que justifiquem e glorifiquem as características étnico-regionais da cultura que os gaúchos geram e mantêm o sentido de sua identidade (KAISER, 1999, p.31).

À frente do exposto, e com base em Kaiser (1999), compreende-se que ter uma identidade gaúcha exige a compreensão compartilhada das tradições, dos componentes morais e das personalidades sociais que o indivíduo pode assumir de acordo com sua importância dentro do grupo.

O gaúcho identifica-se com o povo sul-rio-grandense não somente pelo seu estilo de vida ou pela forma de cultura, mas pelo que representa para outras regiões. Esse é um processo cultural que visa identificar a cultura cultivada por um povo que deverá propagá-la conforme seus princípios e formação (SAVARIS, 2008).

Ter uma identidade seria, antes de qualquer coisa, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável, de forma a ser mutável dentro do *corpus* de suas ideologias. Nesses territórios, a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada nos rituais cotidianos. Aqueles que não compartilham constantemente de tal território, nem o habitam, não possuem, portanto, os mesmos objetos e símbolos,

bem como os rituais e costumes, sendo estes diferentes (CANCLINI, 2000).

A identidade é algo inquestionável, mas, ao mesmo tempo, tem-se a memória do que foi perdido e reconquistado, quando celebrados e protegidos os signos que os evocam. A identidade tem seu santuário nos monumentos e museus, está em todas as partes, mas se condensa em coleções que reúnem o essencial (CANCLINI, 1999). E prossegue:

A identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore – que durante séculos produziram os signos de distinção entre as nações -, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana (CANCLINI, 1999, p.148).

No entanto, é fato verdadeiro que, mesmo em uma vida urbana, o gaúcho gosta de estar em contato com os simbolismos do meio rural. Também nessa direção é oportuno apresentar as palavras de Canclini (1999), quando se reporta à identidade em tempo de globalização:

A época de globalização torna mais evidente a constituição híbrida das identidades étnicas e nacionais, a interdependência assimétrica, desigual,

mas inevitável, no meio da qual devem defender-se os direitos de cada grupo. Por isso, os movimentos de artistas e intelectuais se identificam com questões étnicas ou regionais (CANCLINI, 1999, p.25).

Para Hall (2006, p.8), identidade cultural são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

O gaúcho sul-rio-grandense ganha uma nova roupagem com o desenrolar do século XX, pois a vestimenta tradicionalista, tanto nos países em torno do sul da América do Sul, quanto no Brasil, passa a ser motivo de orgulho para suas populações. O indivíduo campeiro transforma-se no símbolo dessas regionalidades, trazendo de volta o espírito tradicionalista que havia, de certa forma, sido esquecido (CANCLINI, 2000).

Após o período de incorporação da vestimenta tradicionalista, a industrialização dessa vestimenta fica aos cuidados de lojas conhecedoras do ramo, que passam a atender à grande demanda, mesmo porque, a partir dos anos 90 do século passado, eclode o movimento *pangauchismo*, ou seja, o que a política das fronteiras manteve dividido, a resistência da cultura terminou por unir outra vez (CANCLINI, 2000).

Outro fato que desperta a curiosidade e, vale ressaltar, é altamente influenciador deste estilo gaúcho, diz respeito à tradição, ou seja, à transmissão de dados culturais de um povo através de suas

gerações. Consiste na transmissão das lendas, narrativas, valores espirituais e acontecimentos históricos através dos tempos, algo transmitido de pais para filhos.

Ainda: a tradição também é o conjunto de ideias, usos e costumes, recordações e símbolos conservados pelo tempo, através de gerações (MTG, 2014). Também pode ser designada como um culto aos costumes das boas coisas do passado. Como ilustração disso, sabe-se que o povo gaúcho enaltece sua tradição com base na sua indumentária e nos seus costumes.

Recorre-se ao MTG (2014) para entender que os fatos históricos do Rio Grande do Sul estão mudando, mas o que está fortemente permanecendo é a cultura do povo gaúcho, que tem capacidade para se adaptar às mudanças. Porém, mesmo em meio às mudanças, ficam os traços imprescindíveis de uma cultura cuja simbologia, através de seus elementos culturais, seja crença, valores, ideias etc., é muito mais do que simples peças culturais materiais que fiscalizam o comportamento social de um povo.

Sobre o exposto, esclarece Savaris (2008):

O modelo que é construído quando se fala nas coisas gaúchas está baseado num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho. É em torno desse eixo que giram os debates sobre identidade Gaúcha [...]. Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais do que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais (SAVARIS, 2008, p.174).

Nota-se que a cultura do gaúcho é uma miscigenação de

etnias diversificadas, na qual, como já exposto, índios, negros, espanhóis, italianos, alemães, jesuítas, árabes, açorianos, entre outras, acabaram por formar a história do povo do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, elucida Luvizotto (2009):

A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza. Dessa forma, a cultura gaúcha – se é que se pode referir assim às expressões culturais daquele grupo social – é apenas uma das culturas presentes no Brasil, não é melhor nem pior, apenas diferente e singular no contexto nacional (LUVIZOTTO, 2009, p.36).

De acordo com Stallybrass (2004, p.38), “as roupas são preservadas; elas permanecem [...] são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais”. O autor observa que existe uma relação entre a roupa e a identidade, visto que tanto uma quanto outra pode ser transferida e, junto, a identidade.

Assim, Boucher (2010) explica:

Se admitirmos que o vestir corresponde ao fato de cobrirmos o corpo, e o vestuário, à escolha de uma roupa de determinada forma e para determinado uso, poderíamos deduzir que a vestimenta resulta, sobretudo, de condições materiais – clima e saúde, de um lado, e produção têxtil de outro, passo de que o vestuário decorreria de fatos mentais como crença religiosa, magia, estética, situação social, diferença étnica, inclinação à imitação? (BOUCHER, 2010, p.13).

Por isso, nos dias de hoje, é visível o respeito pelas

tradições gaúchas, como também o incentivo pela música, dança, pelo churrasco, chimarrão, costumes e indumentária típica que fazem propagar a cultura às gerações dos mais jovens.

A indumentária do gaúcho: a bombacha em evidência

A indumentária do gaúcho traça o perfil de um povo de trabalhadores rurais, antes livres e que no século XXI já estavam habituados aos cercamentos das estâncias. Por isso, muito mais do que uma peça de roupa, a bombacha carrega simbolismos fortes (FAGUNDES, 1985), passando a ser a identidade do gaúcho.

De origem turca, a bombacha foi usada na Guerra do Paraguai (1864-1870), passando a fazer parte do vestuário na Revolução de 1893, quando a maioria dos estancieiros dava-lhe preferência, deixando o chiripá para ocasiões festivas. No final do século XIX, os senhores coronéis não apreciavam o uso da bombacha em eventos festivos da época, mesmo porque os trabalhadores faziam uso dela para o serviço no galpão (FAGUNDES, 1985).

Com base nos estudos do autor supracitado, o gaúcho, com menos condição financeira do Rio Grande do Sul, foi o primeiro a usar a bombacha como forma de suprir a carência de roupa e, assim, foi adaptando suas vestes com base nos trajes da época que, como já

exposto, tiveram influência de várias culturas. Essa fusão de culturas, visando à indumentária do gaúcho, passa a ser a sua identidade.

Torinelli (2004, p.1) enriquece a visão de Fagundes (1985), ressaltando que o gaúcho adotou a bombacha por sentir-se desconfortável, ou seja, “maneado” para andar a cavalo e, também, para enfrentar os inimigos nas batalhas. E acrescenta: “Era o símbolo do companheirismo e da liberdade que tanto buscava”.

Para o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná – MTG-PR (2014), a bombacha é um traje histórico que revela a imagem do homem gaúcho, constituindo-se em marca exclusiva de sua identidade.

Por sua vez, Côrtes (1978, p.365) esclarece que a bombacha tradicional requer muita mão de obra, especialmente quando adornada com pregas ou enfeites. Em razão disso, alguns tipos de calças tornaram-se mais baratas, embora não tenham essas mesmas características próprias para quem anda a cavalo, como acontece com o mexicano e o *cowboy* norte-americano. Mas no Rio Grande do Sul, o cavaleiro gaúcho, homem acostumado às lidas com o gado, ainda prefere o uso das bombachas.

Atualmente, a bombacha, calça larga e apertada no tornozelo, passa a fazer parte do traje de honra do gaúcho, ou seja, da pilcha, seja na lida do campo, seja nas festividades alusivas aos

sul-rio-grandenses. Segundo o MTG, a pilcha é “a expressão da tradição, da cultura e da identidade própria do gaúcho, motivo de grande alegria e celebração em memória do pago” (MTG, 2014, p.1).

Foi a partir de 1989 que a bombacha passou a ser considerada roupa social (MTG, 2014), uma indumentária que identifica o gaúcho sul-rio-grandense em qualquer lugar do universo.

A bombacha, indumentária histórica, faz parte do Manual das Pilchas Gaúchas⁴ dos Movimentos Tradicionalistas, sendo usada pelos peões nas cores claras e escuras, em tecido de brim, linho, tergal, algodão e tecidos mesclados, desde que sejam lisos, listrados ou xadrezes, mas de forma bastante discreta. Usada com camisa, botas, colete, guaiaca, chapéu, paletó (para ocasiões formais) e lenço, a bombacha deve seguir o modelo: “cós largo sem alças, dois bolsos grandes na lateral, largas, estreitas, ou médias, dependendo da região, com ou sem favos de mel ou de abelha (Figura 2), sem enfeites ou fantasias maiores de botões e franjas, com punho e abotoada no tornozelo” (MTG, 2014, p. 1). É proibido usar bombachas plissadas e coloridas que destoem do padrão tradicional.

⁴ São diretrizes estabelecidas pelos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos com o propósito de ensinar prendas e peões a usarem a pilcha de forma correta (MTG, 2014).



Figura 2. Bombacha masculina com favos de mel
Fonte: Acervo pessoal

Segundo o entendimento de Fagundes (1985),

Quando veste bombacha, nenhum gaúcho anda em mangas de camisa, salvo entre seus iguais, na intimidade. Se não, pelo menos, usa colete. Melhormente, o casaco, em ambiente e com pessoas de mais distinção. E se é pobre, veste a blusa campeira, fofa na cintura e nos punhos, quase sempre do mesmo pano da bombacha. O casaco, muitas vezes era preto, usado em contraste com a bombacha branca. Esta era bem larga na fronteira e mais estreita quase calça, na serra, mas sempre abotoada no tornozelo (FAGUNDES, 1985, p.21).

Até o ano de 1976, o tecido com que era confeccionada a bombacha variava de acordo com a condição financeira do gaúcho. Caso o gaúcho fosse rico, a bombacha acompanhada do casaco era feita por um alfaiate, e o tecido usado era a casemira; se pobre, a costureira encarregava-se de o fazer, usando o brim (FAGUNDES, 1985).

Importante destacar que as cores para as bombachas, naquela época, tendiam sempre para o azul-marinho e para o

marrom. Preto só em caso de luto, diferente dos dias de hoje, quando a bombacha pode ser usada tanto nas cores claras como escuras, mas sempre em harmonia com o resto da indumentária (MTG, 2014).

Segundo o Manual das Pilchas Gaúchas, a bombacha é usada como traje de trabalho, traje de honra, em ocasiões informais, desportivas e de serviço, enfim, uma indumentária que faz parte do gaúcho e da sua história.

O uso da bombacha pela mulher

A preocupação da mulher, de acordo com o MTG-PR (2014), sempre esteve voltada ao seu vestuário com o propósito de ser admirada, tanto com o uso do vestido quanto com a bombacha. No entanto, mesmo fazendo parte da tradição, a bombacha pode ser usada como “traje alternativo quando for a eventos campeiros, esportivos, ou quando fazem parte de uniformes de grupos de danças em situações informais ou como traje campeiro como em rodeios, desfiles e outras lidas” (MTG-PR, 2014, p.1).

As diretrizes do MTG são bem claras e devem ser seguidas, evitando assim exageros que possam distorcer a imagem da mulher gaúcha e de uma rica tradição que acompanha o povo rio-grandense,

mesmo porque o “Rio Grande do Sul é feito de tradições e, a mulher usar bombacha, é retomar a história” (FANDANGUEIROS DA TRADIÇÃO, 2012).

De acordo com a Lei nº. 8.813, de 10 de janeiro de 1989, que dispõe sobre as Diretrizes para a Pilcha Gaúcha do MTG, à mulher é permitido o uso da bombacha somente para “cavalgar, festas campeiras e rodeios”, devendo ser “abotoada ao lado, sem bragueta e sem favos”.

A seguir, a Figura 3 ilustra este tipo de bombacha.



Figura 3. Bombacha feminina
Fonte: Acervo pessoal

A polêmica acerca do uso da bombacha feminina nos galpões onde os bailes são realizados é bastante antiga, e isso foi

comprovado na cidade de Porto Alegre, quando foi proibida nos Centros de Tradição Gaúcha (CTG) em 2013, mais especificamente no 35º CTG. Segundo o presidente do MTG da referida cidade, Erival Bertolini, a legislação existe para ser cumprida.

Por sua vez, em Novo Hamburgo, na Sociedade Gaúcha de Lomba Grande, o uso da vestimenta é permitido, por ser levado em conta o “comportamento das pessoas dentro do CTG”, como ressalta o patrão Pedro Carlos Gonçalves de Melo. (GRIZOTTI, 2013)

De acordo com as Diretrizes para a Pilcha Gaúcha, o baile é uma atividade artística e social, portanto, a lei deve ser cumprida.

Considerações finais

A análise do processo de formação da identidade do gaúcho através de suas tradições e cultura marcou o objetivo deste artigo e levou a entender que muitas culturas possuem diversas peculiaridades e estilizações que se contrapõem aos estigmas pré-estabelecidos nesta ou naquela sociedade. De igual modo, distintos elementos constituem a cultura de um povo, cultura esta que forma as peculiaridades de identidade e caracteriza elementos que podem, facilmente, ser marcas diferenciadoras de grupos estabelecidos em uma região.

Dentre tais elementos, constatou-se que a bombacha torna-se diferente entre adereços, vestimentas e caracterizações. Pode-se citá-la como vestimenta particularmente identificadora de um grupo ou etnia cultural, sendo assim produzida, hoje, em larga escala e comercializada de forma popular. Sua confecção tem origens em um passado distante, adornada desde os mais simples toques até os mais requintados cortes e costuras de alto padrão.

Portanto, compreende-se que a vestimenta pode caracterizar uma cultura e é de extrema importância por ser formadora dos instintos que arraigam um povo, como também influencia outras culturas desde os tempos mais remotos até a atualidade e até os mais distantes horizontes futuros. Por isso, deve-se celebrá-la, registrá-la, mantê-la sempre em constante evolução e como peça formadora de nossa identidade cultural.

Enfim, a vestimenta do gaúcho, mais especificamente a bombacha, mostra o símbolo da identidade do sul-rio-grandense, que foi mudando com o decorrer dos tempos, recebendo heranças de outras culturas e servindo de inspiração a outras regiões no que tange à cultura do gaúcho do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas

A EVOLUÇÃO DA VESTIMENTA GAÚCHA. 2014. Disponível em: <<http://regionalismogaicho.weebly.com/vestuaacuterio.html>>. Acesso em 18 ago. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CIRNE, Paulo Roberto de Fraga *et al.* **Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. MTG 40 anos: raiz, tradição e futuro – 1966-2006**. Porto Alegre: MTG, 2006.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **O gaúcho: danças, trajes, artesanato**. Porto Alegre: Garatuja, 1978.

DIAS, Anelise; APPEL, Janine. **Contradição gaúcha**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/artigos/2012/08/contradicao-gaucha/>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

DICIONÁRIO GAÚCHO. **Chiripá**. Disponível em: <<http://www.compadreosvaldinho.com.br/2013/06/27/clique-aqui-e-veja-um-completo-dicionario-gaicho/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

DUBAR, C. La **Socialisation: Construction des Identités Sociales et Professionnelles**. Paris: Armand Colin. 2000.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Indumentária gaúcha**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

FISCHER, Luis A.; GERTZ, René E. (Coords.) *et al.* **Nós, os teuto-gaúchos.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul.** 8. ed. Rev. Ampl. Porto Alegre: Ediplat, 2006.

GRIZOTTI, Giovani. **A polêmica da bombacha feminina em CTGs.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/reporter-farroupilha/platb/2013/04/30/35-ctg-proibe-bombacha-feminina/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAISER, Jakzam. **Ordem e progresso: o Brasil dos Gaúchos.** Florianópolis: Insular, 1999.

LIMA, Jarbas. **Tradicionalismo ... Responsabilidade Social – Reflexões.** Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2004.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MODELOS DE BOMBACHAS GAÚCHAS DO RIO GRANDE DO SUL. Bombacha larga. 2012. Disponível em: <http://www.bombachalarga.org/ver_educacao.php?id=16>. Acesso em 17 ago. 2014.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO (MTG). O gaúcho. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/pag_cursos_indumentaria.php> Acesso em: 12 jul. 2014.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PARANÁ (MTG-PR). Manual das pilchas gaúchas. Disponível em: <http://www.mtgparana.org.br/web/?cont=menu&id_menu=63>. Acesso em: 10 jul. 2014.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: História e Identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STRELIAEV, Leonid. **Identidade**. Porto Alegre: L. Streliaev. 2009.

TORINELLI, Orlando. **Alma de gaúcho**. 2004. Disponível em: <<http://www.buenas.com.br/edi130/alma.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

USAR BOMBACHA FEMININA: ESTÁ CERTO OU ERRADO? 2012. Disponível em: <<http://www.fandangueirosdatradicao.com.br/noticia.php?id=257>>. Acesso em 20 ago. 2014.